

Curso 2017: Os gozos na teoria e na clínica psicanalíticas

Aula 7 (09/11/2017)

Marcus do Rio Teixeira

À medida que o final deste curso se aproxima me dou conta da quantidade de questões importantes que ainda é preciso abordar. Nesta penúltima aula avançaremos na discussão das posições de gozo que Lacan postula nas aulas VI – “Deus e o gozo d’ A Mulher” e VII – “Letra de uma carta de amor”. Marc Darmon assim comenta as fórmulas da sexualização propostas por Lacan: “(...) é uma lógica um pouco maluca em relação à lógica de Aristóteles, mas que gira em torno de uma única função, a função fálica, ou seja, não há uma função própria ao homem e uma função própria à mulher, há uma única função com diferentes funcionamentos dessa função.”¹

Antes de comentar o que Darmon diz a respeito da função fálica, gostaria de dizer que me agrada muito a expressão irreverente que ele utiliza para falar da apropriação da lógica modal feita por Lacan. De fato, para um filósofo ou um estudioso de Aristóteles, o emprego dessa lógica nas fórmulas da sexualização – assim como a leitura da teoria aristotélica da causalidade na definição das causas do gozo, como vimos – só pode ser considerado uma maluquice.

Isso nos alerta para uma ilusão comum, que consiste em crer que seria possível elucidar questões e problemas internos da teoria lacaniana pelo estudo dos autores e teorias citados por Lacan. Nada contra o estudo em si, naturalmente. Porém, a crença de que tal estudo poderia esclarecer alguma questão teórica decorrente das formulações de Lacan só pode levar, na melhor das hipóteses, a que o estudioso, ao fim do processo, não esclareça coisa alguma, embora se torne mais erudito. Na pior das hipóteses, pode levar a afirmar – como eu próprio já escutei em público – que as fórmulas da sexualização não dizem respeito aos campos masculino e feminino, mas à lógica de Aristóteles. Ou seja, que as fórmulas da sexualização não dizem respeito à sexualização. Mas nesse caso já estamos no terreno da maluquice, num sentido muito pior que aquele que Darmon sugere.

Retomando a discussão, o que o autor destaca é a existência de uma única função, denominada por Lacan *função fálica*, na sexualização, ou seja, no processo que leva à constituição das identidades sexuais ou identidades de gozo nos falasseres. Sendo esta a função da castração, isto implica que tanto

¹DARMON, M. *O gozo fálico e o gozo do Outro*: a inacessibilidade do dois, um sintoma de Badiou. 27 nov. 2007. Tradução Sérgio Rezende. Disponível em: <www.tempofreudiano.com.br>. Acesso em 12 maio 2013.

homens quanto mulheres têm necessariamente que passar por ela para definir as suas posições de gozo. O que corrige definitivamente a noção presente em Freud, da mulher como castrada, ou seja, privada do falo. “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá a toda. Mas há algo a mais.”², diz Lacan. Sobre esse “a mais”, veremos mais adiante.

Dois pontos que devem ser ressaltados: Lacan mantém no período final do seu ensino a sua proposição dos anos 50, de que a castração simbólica é essencial para que os sujeitos se inscrevam na divisão dos sexos do lado masculino ou feminino. Isso mostra, pela milionésima vez, o quanto é forçado separar o seu ensino em um “primeiro” Lacan, um “segundo”, etc.

Outro ponto: a proposição da função fálica, função da castração, como comum a ambos os sexos enquanto seres da linguagem, não se faz negando o significante fálico como ligado ao *órgão que ele simboliza*³, como Lacan explicita situando o Φ do lado masculino. Esta observação diz respeito ao quadro da parte inferior da tabela das fórmulas, que comentaremos no final.

Se o gozo fálico que, como vimos, é o gozo mais comum, o que mais se encontra, o que não cessa de se escrever, visto que “não há senão ele que se escreve”⁴, não é exclusivo daqueles que se situam do lado masculino, o que distinguiria então as posições de gozo? Lacan postula dois modos de se situar ante a função fálica, enquanto *todo* ou *não todo*.

Tomemos primeiramente as coisas do lado de onde todo x é função de Φ x, quer dizer, do lado onde se alinha o homem. A gente se alinha aí, em suma, por escolha – as mulheres estão livres de se colocarem ali, se isto lhes agrada. Todo mundo sabe que há mulheres fálicas, e que a função fálica não impede os homens de serem homossexuais. Mas é ela também que lhes serve para se situarem como homens, e abordar as mulheres.⁵

Logo, quando se diz, como faz Lacan, que existe um universal do homem, podemos escrever: todos os homens, o homem está todo na função fálica, mas, o que convém notar é que não é por ser homem que ele está na função fálica, mas, ao contrário, é pelo fato de um x indeterminado situar-se todo na função fálica que podemos chamá-lo de homem.⁶

² LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (3ª edição). p. 80.

³ LACAN, J. A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998. p. 692-703. p. 696.

⁴ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 91. [Tradução minha para o trecho citado]

⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda...* op. cit., p. 78.

⁶ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: JZE, 2005. p. 225.

Segundo essa leitura, se considerarmos um x indeterminado e o reconhecermos como *todo* no que diz respeito à função fálica, ou seja, totalmente preocupado por esta função, somente a partir daí poderemos chamar esse x indeterminado de *homem*. Portanto, para Lacan não há uma essência masculina prévia que determinaria a inscrição de um ser falante como *todo* na função fálica, mas é esta inscrição que logicamente permitirá a este situar-se na posição masculina. Soler conclui então: “É homem o sujeito inteiramente submetido à função fálica. Por isso, a castração é seu destino, assim como o gozo fálico, ao qual ele tem acesso por intermédio da fantasia.”⁷

Um breve comentário antes de abordarmos o tema da posição masculina. Por vezes escutamos a expressão “gozo não-todo fálico”. Ora, o x indeterminado presente nas fórmulas de Lacan enquanto todo ou não-todo é, como vimos, aquele ou aquela que se situa ante a função fálica. Dessa posição decorre sua relação ao gozo. Não é o gozo que é todo ou não-todo fálico. Na teoria de Lacan não existe o conceito de um “gozo não-todo fálico” – o gozo é fálico ou não o é, simplesmente. Fiquem atentos, portanto, quando escutarem essa expressão. Fecho o parêntese.

Para o homem o gozo fálico constitui a totalidade da sua experiência de gozo. Tudo o que ele conhece do gozo é o gozo fálico. Ao mesmo tempo em que isso faz com que o que ele experimenta de gozo possa ser dito, porque passa pela palavra, sua experiência do amor prescinde da palavra.

No que diz respeito a *O Homem* (e, inicialmente, quando digo *o homem*, escrevo-o com um O maiúsculo, a saber, que há um *todo-homem*), para O homem, o amor (quer dizer, o que engancha, o que se situa na categoria do Imaginário), para O homem, o amor, isso vai sem dizer porque lhe basta seu gozo. E é, aliás, exatamente por isso que ele não compreende nada!⁸

Soler comenta esse trecho do Seminário 21:

Não é que ele não ame, e sim que, para ele, o amor pode ser algo que é escusado dizer, como assinala Lacan em sua lição de 12 de fevereiro de 1974 (...). É escusado dizê-lo porque o homem pode contentar-se com seu gozo, no duplo sentido da expressão: esse gozo que não tem sua causa no dizer, mas nos significantes discretos do inconsciente, lhe basta; mas também o satisfaz, compondo toda a substância de sua identidade de homem, muito longe de entrar em choque com ela.⁹

Desse silêncio masculino decorre um sem número de mal-entendidos na relação dos casais. “Daí os pequenos dramas cômicos do cotidiano: o ‘ele não me diz nada’, ao qual retruca o ‘mas, o que ela

⁷ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p.138.

⁸ LACAN, J. *O Seminário, Livro 21, os não-tolos vagueiam* [1973-1974]. Salvador: Espaço Moebius, 2016 (Publicação não comercial). Aula de 12 de fevereiro de 1974, p. 134.

⁹ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p. 184.

quer que eu lhe diga?’(...) Em outras palavras, elas exigem que o homem queira se dar ao trabalho, ao cansaço mesmo, diria eu, de oferecer mais que sua simples presença de desejo: seus esforços para bancar um pouco o Outro”¹⁰ Isso porque, do lado delas, o gozo “não vai sem dizer”:

Mas, para uma *mulher*, é preciso tomar as coisas por outro viés. Se para *O homem* isso vai sem dizer, porque o gozo cobre tudo, inclusive, justamente, que não há problema concernente ao que é do amor, o gozo de uma mulher – e é nesse ponto que terminarei hoje –, o gozo de uma mulher não vai sem dizer, quer dizer, sem o dizer da verdade.¹¹

Citação que pode parecer contraditória com a definição que nos dá o próprio Lacan do gozo feminino como da ordem do indizível. Porém, se pensarmos que a verdade, segundo ele, só pode ser semi-dita, isso talvez indique que ele não se refere a uma fala que preenche, de uma explicação totalizante.

*

Avancemos um pouco e vejamos como ele situa a posição de gozo do lado feminino.

(...) quando escrevo $\overline{\forall x} \phi x$ esta função inédita na qual a negação cai sobre o quantificador a ser lido *não-todo*, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica.¹²

O quantificador não-todo não existe na lógica modal, ele é uma invenção de Lacan, exemplo da sua lógica “maluca”, como diz Marc Darmon. Ele indica que as mulheres se situam na função fálica tanto quanto os homens, mas isso não faz a totalidade da sua experiência de gozo, pois elas teriam acesso a um gozo Outro. Em um texto pioneiro sobre o gozo Outro, diz Melman: “Freud amarra homem e mulher ao mesmo e único piquete, o do gozo fálico, para explicar a forma e o limite de suas agitações. (...) Lacan pôde distinguir, além do gozo fálico, um gozo suplementar, Outro, próprio àquela ou àquele que optou pela posição feminina.”¹³

Ao contrário do gozo fálico, esse gozo não é limitado pelo significante fálico. “O que caracteriza [o gozo Outro] é que ele é sustentado por um conjunto sem bordas; não é construído sobre um limite.”¹⁴ Darmon faz uma pontuação interessante, precisando a relação desse gozo com o falo.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 186.

¹¹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 21, os não-tolos vagueiam*, op. cit., p. 134.

¹² LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda*, op. cit., p. 78-79.

¹³ MELMAN, C. O gozo Outro. In: _____. *Alcoolismo, delinquência, toxicomania: uma outra forma de gozar*. São Paulo: Escuta, 1992. p. 149-153, p.149.

¹⁴ Id., *Comentário sobre o gozo Outro*. p. 129.

Pois bem, é aí que eu insistirei na distinção que fiz há pouco entre fronteira e borda: ou seja, pode-se ter um espaço aberto com uma fronteira não incluída, mas também se pode ter um espaço aberto não limitado. Ou seja, o gozo do Outro, se ele está para além do gozo fálico, não necessita menos da existência dessa borda fálica, esse gozo do Outro compreendido como gozo feminino. Portanto, ele funciona em relação a esse gozo fálico, em relação ao que são os quantificadores do outro lado.¹⁵

Esse gozo é o “algo a mais” a que Lacan se refere quando fala da posição não-toda fálica. “Há um gozo, já que nos atemos ao gozo, gozo do corpo, que é, se posso me exprimir assim (...) *para além do Falo*. Seria engraçadinho assim. E daria uma outra consistência ao MLF. Um gozo para além do falo...(...)”¹⁶

Notem que aqui Lacan o chama de “gozo do corpo” por oposição ao gozo fálico, que ele denomina “fora-do-corpo”. Ainda que haja uma controvérsia acerca do emprego do termo *gozo sexual* para nos referirmos ao orgasmo, em vez da tensão que o precede, é inegável que o orgasmo masculino representa de forma exemplar tanto o que é experimentado como fora do corpo quanto o que é regido pela escansão, pela pausa. Não por acaso, estas são características do significante fálico.

(...) o falo indica um certo limite, também no sentido em que ele simboliza a própria falta. Ora, desse ponto de vista é incontestável que o funcionamento do pênis introduz muito concretamente, no ato sexual, um ponto de parada muito mais claro em comparação com o orgasmo feminino, mais difuso e mais facilmente renovável.¹⁷

No homem, ele [o significante] rege também a ejaculação, esse gozo estranho, fora do corpo, que é o gozo fálico.¹⁸

Lacan faz questão de dizer que não está se referindo a “considerações amiudadas” sobre a distinção entre gozo clitoridiano e gozo vaginal. O que faz sentido, segundo a definição que ele dá do gozo sexual como gozo fálico. Ou seja, no que diz respeito ao gozo sexual, uma mulher está no gozo fálico, tanto quanto um homem. Temos que pensar, portanto, em outra coisa.

Para falar desse gozo que não é limitado pelo falo, e que na divisão dos seres sexuais concerne aos que se situam do lado das mulheres, Lacan escolhe um exemplo que não é clínico e que tampouco tem a ver com a nossa realidade cotidiana. Ele vai falar dos santos, mas não de quaisquer santos: dos

¹⁵ DARMON, M. *O gozo fálico e o gozo do Outro...* op. cit.

¹⁶ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda*, op. cit., p. 80.

¹⁷ CHEMAMA, R. *La jouissance - Enjeux et paradoxes*. Paris: Érès, 2007 [tradução minha para o trecho citado].

¹⁸ SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*, op. cit., p. 182.

santos místicos, que têm a experiência da revelação divina, entre os quais Santa Tereza D'Ávila e São João da Cruz. Em certo ponto, ele faz uma afirmação curiosa a respeito de Santa Tereza: “(...) basta que vocês vão olhar em Roma a estátua de Bernini para compreenderem logo que ela está gozando, não há dúvida. E do que é que ela goza?”¹⁹

O que é curioso nessa afirmação é que ele se refere à estátua feita pelo escultor Bernini. Soler aponta essa contradição: “É bem verdade que a Santa Tereza de Bernini tem um ar de gozar, mas Santa Tereza de Bernini não é Santa Tereza, não é o sujeito Santa Tereza. Não percamos isso de vista, é certamente Santa Tereza de quem Bernini, que era um homem – apesar de tudo –, pensava que ela gozava.”²⁰

Mas isso não é tudo. Poderíamos pensar que quando Lacan diz que não há dúvida que (a estátua de) Santa Tereza está gozando ele se refere ao gozo sexual, quando na verdade ele está se referindo ao gozo místico. Roland Chemama comenta esse aspecto:

Santa Tereza goza, é certo. Será que isso quer dizer que podemos reconduzir seu gozo à sexualidade, no sentido de que o êxtase seria um simples disfarce de um gozo genital? Absolutamente. Bem ao contrário, é o que está em jogo no gozo extático que vai permitir esclarecer o gozo sexual do lado da mulher.²¹

Creio que o comentário de Lacan pode de fato dar margem a pensar o gozo místico como um sucedâneo do gozo sexual, quando na verdade ele está postulando um gozo inteiramente diverso do gozo sexual, um gozo com pleno direito de cidadania, digamos assim. A dificuldade consiste em entender o que o gozo místico pode ensinar a respeito do gozo feminino. Comumente o que se encontra é da ordem da analogia, uma aproximação entre os gozos pelo traço comum de ambos serem avessos à palavra.

*

Um adendo. Encontramos por vezes afirmações estranhas, como dizer que se o sujeito do inconsciente não tem sexo – ou, numa variante, se no inconsciente não existe sexo –, logo, não há

¹⁹ LACAN, J. *O Seminário, Livro 20, mais, ainda*, op. cit., p. 82.

²⁰ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 108. [Tradução minha para o trecho citado]

²¹ CHEMAMA, R. *La jouissance - Enjeux et paradoxes*. Paris: Érès, 2007 [tradução minha para o trecho citado].

porque colocar a questão das identidades sexuais, homem/mulher. Acreditem ou não, esse é um argumento proveniente do meio lacaniano. O que poderíamos responder, francamente, nós que enfrentamos a leitura difícil dos textos e seminários de Jacques Lacan? Mas tentaremos responder.

O sujeito do inconsciente, que os autores de tal argumento ressaltam que não é homem ou mulher, é aquele que Lacan descreve como *pontual e evanescente*. Ele não é o indivíduo, não tem corpo. Sua presença se dá nas formações do inconsciente. O exemplo clássico de Freud nos ajuda a situá-lo: quando o magistrado bate o martelo no início de uma sessão de debates que antevê longa e tediosa e a declara “encerrada”, o sujeito do inconsciente é o autor do lapso. Porém, logo após o dono da boca haver proferido o dito, o sujeito não está mais ali, sua presença pontual encerrou-se no lapso, após o qual ele se desvanece.

Ora, é esse sujeito que não é “homem” ou “mulher”. Porém, o magistrado, aquele que emprestou sua boca para o lapso, este vive no mundo, tem um corpo e certamente tem um sexo. Podem ter certeza de que para ele a identidade sexual se coloca como algo da maior importância. Achar que se pode dispensar a identidade sexual porque “o sujeito do inconsciente não tem sexo” não merece nem ser considerado como um argumento fundamentado na teoria psicanalítica.

Se prosseguirmos nessa linha de pensamento, poderíamos dizer que uma vez que no inconsciente não existe representação da morte, não temos que pensar na morte, a morte não é uma questão relevante, ninguém se preocupa com ela. Enfim, são maluquices que não podemos deixar de comentar, infelizmente.